



AS MULHERES ERVEIRAS DO VER-O-PESO E OS OLHARES PATRIMONIAIS

Laura Carolina Vieira¹

Resumo: O Complexo do Ver-o-Peso é maior feira atacadista e varejista do norte brasileiro. Situado em Belém, na capital do Estado do Pará, reúne variada biodiversidade amazônica, assim como costumes, práticas e saberes comuns a região. A partir da sua etnografia, em especial o Setor das Ervas, tradicional seção da feira, a pesquisa examina a inferência da qualidade patrimonial acerca da imagem das mulheres feirantes ali trabalhadoras – as erveiras. Apoiando-se na análise dos processos de patrimonialização e inventário dos elementos históricos, paisagísticos, arquitetônicos e culturais do Complexo do Ver-o-Peso, discute-se o valor do patrimônio e bem cultural como formas de destaque para o consumo turístico e de lazer da feira. As erveiras, associadas com os saberes tradicionais populares intrínsecos as suas atividades, são perspectivadas por discursos patrimoniais que percebem nelas potencial cultural atrativo para tais fins. Essas intenções apoiam-se no recorte de gênero, objetificação e exotização, causando essencializações das suas figuras, propiciando estigmas e desbotando suas agências e configurações como sujeitas cidadãs, comerciantes, profissionais e sabedoras.

Palavras-chave: Patrimônio cultural; gênero; Ver-o-Peso; erveiras; essencialização.

Abstract: The Complexo Ver-o-Peso is the largest open market in the northern of Brazil. Located in Belém, the capital of the State of Pará, it gathers varieties of the Amazonian biodiversity, as well as customs, practices, and common knowledges to the region. Based on its ethnography, especially in the Herb's Market, a traditional section of the fair, this research examines the influence of heritage quality around the image of the women who work at the market. Based on the analysis of heritage processes and inventory of the historical, landscaped, architectural and cultural elements of the Complexo Ver-o-Peso, the value of heritage and cultural property is discussed as prominent forms of touristic and leisure consumption of the fair. The women workers, associated with popular traditional knowledge intrinsic to their activities, are viewed through heritage discourses that perceive in them an attractive cultural potential for such purposes. These intentions are based on gender, objectification, and exoticization, causing their figures to become essential, providing stigmas and fading their agencies and configurations as subject citizens, sellers, professionals, and experts.

Keywords: Cultural heritage; gender; Ver-o-Peso; herbs; essentialization.

A produção aqui situada trata-se de uma análise tangente à uma pesquisa de cunho etnográfico acerca das dinâmicas socioculturais envolvidas na vigência de saberes tradicionais para cura e fins espirituais no Setor das Ervas, seção do Complexo Ver-o-Peso, maior feira atacadista e varejista da capital do Pará, Belém (Vieira, 2020). Pretende-se iniciar uma

¹ Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará. L.CV@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3532-1942>.

discussão a respeito do olhar patrimonialista que cerca as feirantes erveiras de tal seção. Assim guiado, o debate se baseia na etnografia do Ver-o-Peso e o Setor das Ervas, onde as apreensões dos atos comerciais decorreram da minha familiarização como consumidora e frequentadora de tal feira; situação mais ou menos por mim dirigida, na qual pude participar das transações – e seus elementos associados – de maneira espontânea e dialógica com as erveiras feirantes, permitindo minha agregação ao ambiente e sua basilar qualidade íntima. Somam-se avaliações indiciárias quanto os discursos públicos e midiáticos sobre o valor cultural do Complexo, percebendo como esses influem em políticas públicas.

Em primeiro momento, discorrem-se questões e elementos que cercam o processo patrimonial do Ver-o-Peso, atentando para suas qualidades culturais e históricas, levantando sua importância para a representatividade da cidade. Tal arguição demonstra um lapso entre interesses, que se iniciam voltados a uma abordagem patrimonial monumentalista, mas com a agência dos feirantes e as novas demandas, direciona-se para a valorização dos saberes e práticas da cultura popular, identificando esses bens culturais intangíveis e sua produção material. Feita a verificação da relevância e valor dos saberes e práticas, examina-se como as sujeitas erveiras são absorvidas pelos projetos de revitalização da área histórica de Belém, esses sustentados pela qualidade cultural e patrimonial das áreas. Assim, nota-se o possível emparelhamento da mulher erveira como “bem cultural”, propositando sua objetificação e mercantilização por meio da exotificação.

O patrimônio no Ver-o-Peso: monumentalidade *versus* bens intangíveis

O Setor das Ervas está entre as principais seções do Complexo do Ver-o-Peso, maior feira atacadista e varejista do município de Belém, Pará. Os produtos comercializados são artigos medicinais de cura fisiológica e espiritual advindos de saberes tradicionais regionais; materializados pelos conhecimentos e práticas dos feirantes do setor, erveiras e erveiros, mas, de forma quase que completa dentro do Setor, erveiras. Apesar de comuns à realidade nortista, as erveiras são as principais detentoras do conhecimento no ambiente citadino, agindo na confecção dos artigos, nos manejos comerciais, nos cuidados e formas de uso próprios ao costume ancestral de utilização de ervas e insumos naturais.

Esses saberes tradicionais² carregam saberes, crenças e noções formadas coletivamente no tempo-espaço, constituído de vínculos emocionais e memorialísticos,

² Saberes e conhecimentos tradicionais são conceituações acadêmicas que designam a reunião de princípios, noções e práticas perpassadas oralmente de maneira geracional. Com forte cunho histórico e identitário baseiam-

fundamentais para a formação de suas configurações (Little 2002). O comércio dos produtos tradicionais das erveiras e erveiros do Ver-o-Peso constitui-se uma forma de assegurar a propagação de cosmologias, práticas, conhecimentos, sistemas de organização e existência provenientes de panoramas e grupos locais. É uma situação comum na realidade do Complexo do Ver-o-Peso, onde saberes e práticas associadas aos feirantes, permissionários ou demais trabalhadores estão ativas e dinâmicas, agindo de forma social e comercial.

O Complexo reúne materialmente diversos elementos relevantes e constituintes da variedade cultural de Belém e do Norte brasileiro, sendo uma interseção entre a realidade de rio e ribeirinha com o ambiente urbano e de terra firme. Mesmo com as diversas transformações nos fluxos urbanos da cidade ao longa da história, continua o principal ponto de ligação com o comércio fluvial, interiorano e extrativista. Importante ponto de comércio, também se constitui elemento cultural dessa, capaz de resguardar identidades, memórias, projeções e olhares, com um vasto microcosmo de relações interpessoais e reciprocidades (Nascimento e Rodrigues 2014).

Sujeito do espaço urbano, o Ver-o-Peso acompanha o desenvolvimento da cidade, influenciando nos processos de sua construção e vida social, tanto dos trabalhadores como dos cidadãos. Na memória da cidade, o Complexo influi noções de pertença para os cidadãos, sendo seus elementos apontados como constituintes da vida belenense. Experimentar e construir momentos biográficos em relação ao Ver-o-Peso é uma realidade expressiva que se inicia já na infância. Com um comércio expressivo, dominante perante qualquer outra feira da cidade, e a importância marcada nos corações, recordações e costumes da maior parte da população, o Ver-o-Peso congrega distintos sujeitos, tendo sua relevância em nível cotidiano e social para aqueles que o constituem e frequentam.

Historicamente, o Complexo surge de um entreposto fiscal durante o domínio luso, estando na localidade primária da cidade de Belém, ponto estratégico, uma vez tendo acesso facilitado para fora da colônia e dentro da floresta amazônica, fortalecendo politicamente o governo português e possibilitando a intensificação do comércio extrativista. É durante o período da borracha brasileira e da *belle époque* europeia que se edifica e estrutura oficialmente como Ver-o-Peso, onde reformas promovidas pelo intendente coevo – Antônio Lemos – inserem a estética e representação do muito que se têm e narra por “Ver-o-Peso”. Tal reforma, baseada em noções higienistas e civilizatórias, “conferiu ao local incumbência político-simbólica, edificando, literalmente, o que seria o Ver-o-Peso e o que deveria, em

se em ligações entre o mundo natural – inclusive seus aspectos sobrenaturais – e aspectos da organização social (Diegues et al. 2000) presentes em processos e elementos da vida dos seus respectivos grupos detentores.

conjunto com outros pontos, representar para a formação da cidade” (Vieira, 2020). Em nível estético, surgiram as estruturas em *art nouveau*, a exemplo do Mercado de Ferro (também conhecido por Mercado de Peixe, antigo Mercado Ver-o-Peso) e Mercado de Carne (ou Mercado Francisco Bolonha), além do fortalecimento dos casarios ao estilo português. Tais configurações monumentais foram basilares para a patrimonialização do Complexo pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico – IPHAN em 1977.

Tombado com o nome “Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Ver-o-Peso”³, abarca, além da Feira do Ver-o-Peso, uma série de casarios, ruas, praças e espaços que compõe parte dos bairros da Campina e Cidade Velha, os mais antigos da cidade. Ambas nomeações, Complexo do Ver-o-Peso e Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Ver-o-Peso, sejam em âmbito mercantil, direcionado pela prefeitura, ou patrimonial, vinculado às escolhas, seletivas e parcialidades de diretrizes do órgão federal responsável – IPHAN –, confluem para o intrincamento do que se denomina corriqueiramente como de Ver-o-Peso – ou então, *Veropa*⁴. Contudo, mesmo definidos e normatizados por instituições oficiais, estando coerentes e admitidos para aqueles que lá o acompanham, a área geográfica, a função mercantil ou a forma arquitetônica não são o que primeiro definem o que se denomina Ver-o-Peso, mas sim as associações memorialísticas, os vínculos emotivos e as sociabilidades tecidas naquele ambiente por seus sujeitos, trabalhadores e frequentadores.

Há certo desencontro de prevalências quando se trata da importância patrimonial do Complexo, essas a depender dos sujeitos respectivos. Maria Dorotéia de Lima (2010), ao debater sobre as diretrizes oficiais que envolveram o processo de patrimonialização da área selecionada para tombamento do IPHAN, pontua como tal não conferiu com as variadas visões e expectativas dos feirantes, marcando o processo de oficialização do patrimônio cultural norteado segundo a orientações institucionais em voga naquele tempo – nem sempre concebidas pelos sujeitos que produzem e vivem a realidade cultural. Os elementos determinantes para tal situação formam-se a partir narrativas homogeneizantes tais quais a noção do nacionalismo; pautando aspectos da cultura popular e/ou tradicional como patrimônio da nação perante um mundo globalizado, mas sem uma compreensão ou significado real para os trabalhadores e feirantes. Essa situação dialoga com maiores tendências patrimoniais que priorizaram por muito manifestações materiais, edificações e

³ Sob o Número de Processo: 812-T-1969, foi tombado com o nome: Conjunto Arquitetônico e Paisagístico “Ver-o-Peso” e áreas adjacentes, Praça Pedro II e Boulevard Castilhos de França, Mercado de Carne e Mercado de Peixe. Inscrições nº 69, de 09/11/1977, no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; inscrição nº 460, de 09/11/1977 no Livro do Tombo Histórico e, por fim, inscrição nº 525, de 09/11/1977, no Livro do Tombo Belas Artes.

⁴ Nomenclatura afetiva que se pode referir também a toda e qualquer parte do Complexo do Ver-o-Peso.

monumentos; elementos tipicamente provindos de expressões de classes dominantes, a exemplos de como casarios, igrejas, fortes, lojas e outros mais edifícios oriundos da colonização lusa (FONSECA 2003). A patrimonialização do Ver-o-Peso, ao ser tombado em seu conjunto paisagístico e arquitetônico, primou pela influência portuguesa antiga, em um lugar de expressões culturais próprias e características, rebaixando assim os indivíduos – e suas *práticas* “culturais coletivas” (FONSECA, 2003:58) – que o compõe, ante a história colonial.

Em certa medida, existe um falar a partir *do* Ver-o-Peso, assim como também se fala *sobre* Ver-o-Peso. A maioria das influências e leituras institucionais sobre o Complexo assentam sua singularidade e significado ao emparelhá-lo com narrativas de soberania e representação paramentada em formações exógenas, como a *belle époque* europeia. Essas se descontextualizam quando contrastadas com as dimensões e sentido concedidos por seus frequentadores e familiarizados. Mesmo com o intenso vínculo, legitimidade e presença constituinte da feira, os sujeitos, suas narrativas e realidades, acabam marginalizados diante de intensões públicas quanto sombreados por construtos superficiais desconexos as existências e singularidades locais e regionais. Perceber essa dualidade de significações leva ao exame do processo de patrimonialização, como esse firma-se, em primeiro, ao aspecto monumental, histórico e paisagístico, antes da consideração da intensa variedade social e cultural presentificada e praticada a todo momento nesse Complexo feirístico que se mantém ativo 24 horas.

Apesar da patrimonialização estar vinculada primeiramente ao fenômeno histórico, arquitetônico e paisagístico, no ano de 2006 o IPHAN iniciou um processo de catalogação e documentação dos bens culturais presentes na feira baseado na metodologia dos INRCs: o Inventário de Referências Culturais do Ver-o-Peso. Esse objetivava o reconhecimento da diversidade cultural imaterial do Complexo, tendo sido idealizado pelas(os) erveiras(os) constituintes da Associação Ver-as-Ervas, agremiação surgida na mesma época⁵. As últimas atividades do projeto – campo etnográfico, pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, entrevistas, questionários, registro audiovisual e banco de dados – ocorreram no ano de 2010 e contaram com o intenso suporte de feirantes (MAUÉS, 2014).

Assim, o projeto buscou atentar às atividades e saberes envolvidos, abrangendo todos os setores do Complexo, de forma a considerar os produtos, processos e expressões culturais,

⁵ Essa também responsável pela organização das(os) erveiras(os) perante o processo judiciário com a empresa de cosméticos Natura, a qual foi indiciada pelo uso dos saberes advindos do contato com as(os) erveiras(os) do Setor das Ervas (Vieira, 2020).

totalizando a quantidade de 103 bens culturais (MAUÉS, 2014). O reconhecimento desses é visto como passo inicial para a preservação, estando paralelo ao Decreto nº 3551/2000, que “Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências” (BRASIL, 2000), valorizando novas abordagens e seleções referentes aos bens culturais intangíveis, esses patrimônios do país. Assim, o Inventário de Referências Culturais do Ver-o-Peso abre caminhos para a percepção dos saberes e fazeres existentes no Complexo, esses mais ativos para a população geral.

Com o debate da variabilidade do patrimônio, nota-se o lugar de destaque que os saberes praticados no Ver-o-Peso possuem como bens culturais. Para os feirantes, o fator cultural apoiado nos vínculos e afetividades supera a relevância histórica e estética. Em outra perspectiva, tais bens também são manejados a somar em importância ao discurso simbólico e imagético do Complexo, nem sempre inconstantes aos intuitos e valorações dos sujeitos trabalhadores da Feira, inferindo direcionamentos desarticuladores ou desacordados – como o manejo da imagem das mulheres feirantes do Setor das Ervas para a difusão narrativa do Complexo, essa com fins mercadológicos. Assim, as erveiras, em junção dos seus saberes tradicionais de cura, tornam-se possibilidades de associação aos elementos culturais, históricos e naturais do ambiente da feira, esses com carga patrimonial e potências atrativas para a valorização do local como consumo cultural, de entretenimento e turismo.

O olhar patrimonialista sobre as erveiras do Ver-o-Peso: imagética e bem cultural

Os artigos comercializados no Setor das Ervas são garrafadas, compostos, banhos-de-cheiro, pomadas, óleos, ervas e demais insumos biológicos, frutos dos conhecimentos tradicionais locais transmitidos geracionalmente por meio oral e prático, possuindo capacidades de cura para doenças fisiológica, assim como espirituais, além de atrativos para a boa sorte e fortuna. Esses são correntes na região amazônica, sendo populares formas de medicina, com suas curas envolvem etno percepções holísticas sobre enfermidades. Suas tradições surgem de interações interétnicas, como a influência indígena, a fitoterapia da medicina popular europeia, influência africana e nordestina – essa última com seus próprios processos sincréticos (SANTOS, 2000).

O Setor das Ervas, como representante predominante do comércio desses produtos, magnetiza a experiência sociobiodiversa da região em contexto urbano, o que confere matizes próprias, uma vez que propicia o encontro de práticas culturais populares de qualidade

florestal com dinâmicas da urbe, essas paralelas as influências econômicas, políticas e sociais da metrópole. Os artigos se constituem um tipo importante de representação material dos costumes e hábitos ancestrais da população belenense em consonância com sua região, denotando vínculos e mostras da história da cidade; seus arranjos socioculturais e saberes locais – originários de práticas religiosas, relações cosmológicas e domínios medicinais associados com a biodiversidade amazônica. Assim, importantes para a compreensão da cultura popular local, além de possíveis articuladores da análise da realidade social cidadina belenense.

Apesar de formas variadas do comércio de produtos naturais, aqueles do Setor das Ervas no Ver-o-Peso se distinguem sobremaneira. Além da ampla biodiversidade encontrada, os artigos comercializados possuem influência social por seu *status*, sua qualidade tradicional e sua potência espiritual. O comércio envolve múltiplos fatores: o produto em si, a variedade do seu insumo, o saber tradicional associado, as(os) erveiras(os) com seus conhecimentos, o Ver-o-Peso como *tradição* (HOBSBAWN 2008), os vínculos emocionais e subjetivos. Os produtos no Setor são agregados de um valor no qual superam a finalidade fisiológica e sua característica de *medicina folk*⁶ (ARAÚJO 1959); mas dizem a respeito de um conceito no qual espiritualidade, história, tradição, natureza, costume e identidade se amalgama em relevância cultural e *ethos*. Sua carga mista é relevante para a diferenciação de outros lugares de venda de insumos (as ervas e afins de herbários e casas de grãos responde a lógicas desassociadas da expressão sociocultural, onde o destaque de suas propriedades químicas, as medições, pesagens, indicações e formas de apresentação estão consoantes a um padrão onde produto não vincula com seus produtores/vendedores, apartado de significado histórico-social e aproximados a modos ocidentais de preparo).

Os produtos, com seus saberes agregados, também dependem da escolha da(o) erveira(o) feirante que os produz, essa(e) influenciando de maneira preponderante, com quatro fatores se tornam decisivos para a tal: o costume, ou seja, o *clientismo*, que pode vir da escolha familiar geracional; a indicação, onde um freguês ou cliente satisfeito pode difundir a(o) erveira(o) excepcional; o lugar, onde a localização da(o) erveira(o) influenciando sobre a quantidade de abordagens com o público consumidor, fazendo com que haja uma atração mais rápida para si e, por fim, a fama.

⁶ Tida como medicina rústica mista, de influência indígena, negra e portuguesa, reunindo técnicas, fórmulas, ritualizações, remédios e modos próprios dos sujeitos de uma localidade para a cura e prevenção, podendo ser elas do tipo *mágico, religioso* ou *empírico* (Araújo 1959).

O valor dos produtos abrange níveis simbólicos e subjetivos, dependendo da associação com a(o) erveira(o) em questão, por sua sapiência na produção, manejo, feitura e utilização dos artigos – não se configurando artigos inertes, mas *animados* (MAUSS, 2003, 200). As(os) erveiras(os) são uma autoridade, criando fortes laços de intimidade e clientismo. Entretanto, não se colocam como personas mágicas ou canais de poderes curativos, mas sujeitas conhecedoras qualificadas e competentes. Apesar disso, as mulheres erveiras, em seu recorte de gênero, são situadas como “mandigueiras” e “feiticeiras” na propaganda governamental; essas denominações apresentadas pelo poder público municipal interagem com outras nomeações estigmatizadas pelo público consumidor, como “macumbeira”⁷.

Sujeitas decisivas na qualidade e eficácia do produto, projetando sua relevância no meio para a legitimação do que é vendido, as erveiras são na verdade *especialistas* e comerciantes; preocupadas com a qualidade dos artigos, com os resultados de seus produtos, a organização de suas barracas, a boa apresentação para venda, a formação de uma rede de clientes e a variedade dos artigos. Elas não se colocam como benzedoras e/ou canais de cura; a potência curativa de seus produtos está acessível ao aprendizado comum. Suas distinções perante o conhecimento popular envolve procedência e acúmulo de saberes, canalizados pelas formas de atração e fidelidade do público consumidor, ou seja, uma *expertise* que envolve tradição e agência no presente. Ainda assim, para muitas pessoas, as erveiras, e aqui destaca-se o uso do gênero feminino, são vistas como feiticeiras, “macumbeiras” e “mandigueiras” – como intitula a própria página virtual da prefeitura de Belém sobre o Setor das Ervas: “As mandigueiras”⁸. Cria-se um ideário de sujeitas de poderes mágicos das quais seus produtos carregam suas forças e magias.

A literatura clássica de Lévi-Strauss (2008) demonstra os três estágios necessários para a crença mágica: a crença no feiticeiro que executa a magia, a crença daquele que demanda no poder do feiticeiro e a confiança da comunidade no ato. Considerando essas perspectivas, percebe-se que as erveiras são consideradas entes mágicas por suas estéticas, modos, apresentações, ações e indicações sobre a maneira de uso dos produtos – ainda mais por aquelas pessoas que esperam sujeitos mágicos, como a comunidade evangélica e o público turista⁹. Por fim, a imagética e discurso sobre a prática de banhos, associada à sua

⁷ Durante todo o trabalho de campo, apenas uma erveira se colocou como benzedora e filha de santo, duas outras foram citadas indiretamente por duas interlocutoras, porém desmoralizadas, uma vez que se trataria apenas de estratégia mercadológica. O estudo de Iracema Costa e Daniela Cordovil (2017) discute a relação entre erveiras(os) e benzedoras nas feiras de Belém, demonstrando como são práticas desassociadas.

⁸ Disponível em: < <http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?i=1&p=367>>. Acesso em: Dez/19.

⁹ A discussão sobre a origem, canalização e motivo da *magia* é de difícil percepção no Setor, seja referente aos artigos ou ao papel da erveira⁹; não existe uma fala formal sobre os poderes mágicos embutidos, nem uma

historiografia e origem religiosa fortalece um panorama no qual as erveiras podem ser lidas como seres mágicos e seus produtos feitiçarias.

Estruturas raciais e sexistas somam-se a ideia lévi-straussiana que aponta a necessidade da crença no executor da magia como feiticeiro. A representação da imagem feminina como figura mágica pendula em dois arquétipos, a bruxa nefasta e a benzedeira santificada, tratando do poder informal estatutário da *mulher*. Apoiado por meio simbólico e hierarquias de gênero, as mulheres estão associadas à realidade interna da sociedade, ao domínio dos corpos, da casa; enquanto isso, os homens possuem o domínio exterior social, legitimado, porém exposto (MALUF, 1992). O poder feminino se exprime de forma marginal, por meio de figuras desestabilizadoras como *feiticeiras*, ou sustentadoras, como *santas*. Essa configuração, somada ao racismo estrutural – onde da civilidade das práticas religiosas cristãs, “medicalização das práticas espíritas” (GOLDMAN 1983, 24) – coloca as pessoas de cor em processos de marginalização social, permite a geração de preconceitos, reducionismos e ataques. Nessa situação as erveiras são o alvo principal, não os saberes ou o uso desses, visto que tais continuam confluindo e coerentes na vida sociocultural belenense, pouco estigmatizados.

Se colocando como católicas(os), todas as interlocutoras e interlocutores se afirmaram apenas “sabedores dos *poderes da floresta*”, esses apreendidos de forma parental, nas quais seus antepassados, negros ou indígenas, são detentores originários, possuindo propriedade sobre processos de cura e tratamento dos problemas em um período de menor expressividade da medicina ocidental-farmacológica. Contudo, as narrativas imaginárias submetem as erveiras em imagens de entes supranaturais, qualidade usada em viés patrimonial, já que adicionaria matizes ao panorama cultural.

O costume do uso das ervas de cheiro, soma-se como fenômenos cultural para a cidade, tornando-se um substrato de memórias e encadeamentos com outros elementos representativos dessa. Seu caráter de saber tradicional e qualidade regional – ou seja, sua carga cultural e de sociobiodiversidade – configura-se bem cultural imaterial, um patrimônio, pensando aqui o Inventário do Ver-o-Peso. No entanto, as mulheres erveiras também sofrem um processo inoficial, mas constante, de “patrimonialização”, pois sua importância e imponência no comércio associam-se com configurações culturais que se utilizam dos

relação religiosa oficial. As erveiras não se colocam como benzedoras, rezadeiras ou integrantes de alguma religião, sendo canais de benfeitorias associadas a essas – mesmo sendo religiosas, majoritariamente possuindo ícones, estatuetas, imagens e outros objetos relacionados a santos católicos e referências a umbanda e candomblé em suas barracas. A religião pode ser um impedimento para o comércio. Com o crescimento de congregações evangélicas, situações de conflito aumentaram, com ataques e ofensas as erveiras e seu ofício. Ainda que algumas confirmam possuir clientes e fregueses evangélicos.

imaginários e imagéticas transmitidos durante o comércio para regulá-las como patrimônio da cidade.

A matriz natural e cultural acaba por ser hoje o principal componente que sustenta o turismo no Ver-o-Peso. Funcionando como imagética, quando em ambiente que se usam de suas propriedades culturais para fins mercantis dialogam com processos de fetichização e mercantilização (VELOSO, 2006). Com os atuais projetos de revitalização do Complexo e orla belenense voltados ao consumo de entretenimento e turismo (VIEIRA, 2020), as potências culturais se tornam chamarizes mercantis. O Setor das Ervas – e aqui digo a imagética da mulher erveira “mandigueira” enfeitada e rodeada por ervas – ao ser apontado em propagandas como um dos principais destaques representativos do “maior cartão-postal da cidade”, é manejado à influir suas características “naturais”, “culturais” e estética atrativa as feirantes e suas práticas, o que contribuiria para a singularização do local. As erveiras, quando inseridas em um olhar patrimonial, interagem com impressões desconexas à sua postura de sujeitas cidadãs, sujeitas comerciantes, sujeitas *experts* e produtoras, tornando-se agora figuras *mistificadas* e *sobrenaturais*, caráteres mais vendáveis à um público consumidor turista ou voltado ao lazer.

Esse modo de consumo turístico pretende atender ao estilo de turista que, em sua diversidade de estilos e desejos, anseia o consumo de “vivências exóticas”, pretendendo o contato com a história, paisagem, etnografia, arquitetura, fauna e flora (TALAVERA 2003). Em ambição ao autêntico, destacam o ambiente, a cultura e a *gente*. Busca-se o compartilhamento de *experiências*, que se vinculam a noção de “exótico”, “primitivo” e “autêntico”. O turismo no Ver-o-Peso já congrega tal panorama que se enriquece por seu conteúdo histórico e cultural; continuamente, as ervas e erveiras estão entre os elementos primários para o mercado turístico quando apontadas as atrações locais, mais fortes mesmo que algumas das edificações tombadas.

Para o turista regular o Setor das Ervas estimula misto de desconfiança, curiosidade, descrença, interesse e preconceito. A estética e os estímulos sensoriais agem de forma a aguçar o entusiasmo e fascínio, as estratégias de abordagem volumosa das(os) erveiras(os) – posturas, vestimentas, expressões e tons – transmitem a singularidade e provocam reações diversas. As impressões criadas são flutuantes e ambivalentes, assegurando o lugar da natureza e cultura, ainda que em formas estigmatizadas.

As narrativas simbólicas que permeiam a significação exotizada dos produtos de cura tradicional na cidade de Belém apoiam-se na somatória entre a tradicionalidade e representação cultural invocada com o manejo da imagética que o Setor das Ervas fomenta na

sensibilidade subjetiva individual. Mercado, banhos-de-cheiro, práticas, modos e conhecimentos, esses expressos pelas erveiras (com suas roupas cuidadosamente escolhidas, seus penteados floridos, modos, unhas pintadas, orelhas, mãos e pescoços reluzindo seus enfeites) são associados em suas cargas estéticas, sensoriais e emocionais quando presenciados. A experiência do “autêntico”.

A cidade de Belém nas últimas décadas, tanto em gestão municipal quando estadual, iniciou ações visando à ampliação, estruturação, modernização e readequação de espaços, repercutindo também nas territorialidades prévias¹⁰. Pretendendo uma inserção da cidade na rota de capitais turísticas, procurou-se transformar locais entendidos como decadentes em novos e produtores atrativos (CARDOSO 2016; TRINDADE JUNIOR 2018), sustentados em seu potencial histórico-cultural orgânico, destacando a orla belenense em detrimento de áreas interiores da cidade. São iniciativas que buscam a promoção e representação do município perante outras capitais e localidades brasileiras de destaque nacional e internacional.

As melhorias na infraestrutura são vistas como o meio de capacitação, que agora está intensamente voltada ao mercado turístico e de lazer, priorizando a região histórica da cidade. Procura-se moldar as realidades da região visada por meio de discursos de revalorização e restituição de um prestígio que teria se perdido (CARDOSO 2016). Discrimina-se, são afetadas as práticas e os sujeitos presentes nas localidades à cargo de melhorias econômicas e políticas que seriam trazidas pelo turismo e representatividade local histórica – apoiada em um imaginário belenense, ou paraense, ou mesmo nortista – vinculada ao momento e padrão global. São selecionados por meios institucionais os bens culturais, materiais ou intangíveis, que devem ser valorados e as formas adequadas que se dariam sua recuperação, demonstrando os recortes e intenções priorizadas.

Elevar a região da orla histórica de Belém à um ambiente adequado para a afluência de determinada variedade de pessoas, classes médias e turistas, é uma forma discriminar sujeitos envolvidos, moldar e engessar práticas, escolher experiências e imagens públicas da cidade (LYNCH 1997). Esse panorama associa-se diretamente sobre a construção essencialista das “erveiras do Ver-o-Peso”. É por meio da associação de modos tradicionais de existência e do meio ambiente amazônico que narrativas simbólicas e imagéticas se firmam, principalmente

¹⁰ Os primeiros projetos se circunscreveram na revitalização por meio do reuso do São José Liberto, o Complexo Feliz Lusitânia e a Estação das Docas. Eles desconsideraram e desarticularam, respectivamente, moradores do entorno; práticas econômicas populares prévias e o uso do terminal de transporte fluvial, antes de utilização por parte dos ribeirinhos e agora para uso recreativo e de turismo. O Mangal das Garças construção pensada para traduzir características da flora, fauna e arquitetura da cidade também teve, em conjunto com o Portal da Amazônia, sua construção com relevância apartada dos moradores da região.

porquê de fato são coerentes à realidade social que ainda está configura e interagem com o município de Belém, se comparado com outras capitais brasileiras urbanas.

E é assim que a cultura acaba manejada como um efetivo e atrativo diferenciador, abrindo campo para as ações dos projetos de revalorização e revitalização que visam um amoldamento e correspondência com o contexto global. O ciclo continua com essas repadronizações influenciando em novas percepções sobre a mesma cultura, faz com que essas tornem mais facilmente mercantilizadas. A cultura mercantilizada provando ser o grande conglomerador que liga a rentabilidade e escolha de patrimônios/representações da cidade para a revalorização das áreas centrais e a repercussão no fluxo econômico.

A cultura mercantilizada se apoia em processos de objetificação e exotização; o que acontece com o construto e reforço da outroridade. Essa por sua vez, acaba dialógica com imagéticas superficiais. No Setor, a exotização ocorre de maneira prática e diluída, estando na atração e jocosidade de lidar com os produtos, se revelando nos nomeares estigmatizados das feirantes, nos insultos velados e mesmo nos olhares atônitos ou vacilantes, percebidos e comentados pelas feirantes. Inserir um olhar patrimonializador às erveiras a fins de mercantilização abre margens a percepção dessas como objetos curiosos, pitorescos e fora do seu sentido original de sabedoras, comerciantes, cidadinas. A seção está permeada por uma aura de “magia”, não apenas pelo conteúdo espiritual de alguns dos seus produtos e pelas suas evocações sensoriais, mas, principalmente, pelo imaginário sobre as culturas “da floresta”, “do cabloco”, “do indígena”. Construto associado a cultura local e fortalecido por meios sutis de discursos e atuais projetos institucionais, percebendo e gerindo “a cultura paraense como recurso identitário para uma vitrine de negócios” (FERREIRA e RODRIGUES, 2017, 125). A natureza igualmente dá suporte para a composição do imaginário. Tão importante economicamente, se mostra ainda valorosa para a promoção do Complexo; novamente a significação direcionada de elementos intrínsecos. É colocada de forma idílica e/ou romantizada a maneira de agradar os gostos do mercado, refletindo no comércio local. As ervas e erveiras são associadas a ideias de essência, natura e um tipo de “arcadismo tropical” que acontece por meio do contraste à realidade dos visitantes, turistas ou não, esta que seria “desenvolvida”, “complexificada” e distante das “origens”.

O engessamento das feirantes como um conjunto ora mitificada como “representantes do povo”, ora exotizadas em um processo que beira a objetificação, tendo formas de controle que determinam seus espaços, suas funções, imagens, modos e maneiras, colocando-as como “garotas propaganda” da feira e da cidade. Ser comerciante no Setor das Ervas é ser fantasiada pelos olhos dos direcionamentos governamentais, estando marcada

hierarquicamente por seus laços socioculturais, sua classe econômica, suas posturas, sua origem ancestral. Esses marcadores também se aprofundam pela associação ao conceito de *morenidade/morenice* paraense, onde imagens de *mulheres* cuja “as características fenotípicas que se convencionou chamar de ‘morena paraense’” (SILVA, 2010, 195), são divulgadas nos meios midiáticos e jornalísticos em representações que as colocam associadas em ambientes “de grande beleza” natural da cidade e/ou edificações representativas (SILVA, 2010), tal qual o Ver-o-Peso; tal qual o Setor das Ervas.

A morenidade associa-se como valor cultural, e, no município, o conjunto do “encontro” entre indígenas, brancos e negros, representativos da *brasilidade*, “forma que a sociedade brasileira encontrou para lidar com as questões raciais sem abordar diretamente as oposições” (SILVA, 2010, 202). As erveiras jovens, como *morenas paraenses*, associadas a ideia de morenidade – essa bem quista na população (SILVA, 2010) – são por vezes vinculadas a imagéticas sexualizadas de pessoas negras, aqui, em especial as mulheres, a exemplo da “mulata” (SILVA, 2010, 1999).

Grada Kilomba, discorrendo sobre aspectos psicológicos da relação branquitude e *people of colors*, aponta como alguns termos da língua portuguesa durante o processo de exploração colonial lusa criaram formas de rebaixar as identidades dos sujeitos negros por conta de uma política “de controle da reprodução e proibição do ‘cruzamento de raças’”, as quais adquiriram uma carga romantizada:

Essa romantização é uma forma comum de narrativa colonial, que transforma as relações de poder e abuso sexual, muitas vezes praticadas contra a mulher *negra*, em gloriosas conquistas sexuais, que resultam num novo corpo exótico, e ainda mais desejável. Além disso, esses termos criam uma hierarquização dentro da *negritude*, que serve à construção da *branquitude* como a condição humana ideal (...) (2019, 19)

O ethos moreno adquire nas propagandas uma qualidade “do diferente”, “do atrativo”, assim como os fenômenos únicos da natureza e cultura local. Contudo, ao ser singular, sua qualidade de diferença está “inseparável a valores hierárquicos”:

Aqui, temos que perguntar: quem é “diferente” de quem? É o sujeito negro “diferente” do sujeito branco ou o contrário, é o branco “diferente” do negro? Só se torna “diferente” porque se “difere” de um grupo que tem o poder de se definir como norma – a norma branca (KILOMBA, 2019, 75).

As erveiras compõem um conjunto variado de pessoas negras e brancas, muitas com a ancestralidade indígena comum. É a ideia do “caboclo”/“*caboco*”. Seus magnetismos e unicidade para ação comercial estão presentes em primeiro momento em suas vestimentas, em seus enfeites e falas. O conjunto desses estímulos, quando exotizados na outroridade e

destacando seus corpos, tocam noções raciais onde o racismo surge como forma de erotização, primitivização, incivilização. São conceitos projetados pela sociedade branca em outros grupos raciais, onde essa possa suprimir sua “historicidade de opressão e se construa como ‘civilizado’ e ‘decente’” (KILOMBA, 2019, 79)¹¹.

A *primitivização* está associada ao selvagem, atrasado, básico e natural. Na incivilização está o outro suspeito, ameaçador. E na erotização está o exótico, o fabuloso e atrativo (KILOMBA 2019); “é por isso que, no racismo, a pessoa *negra* pode ser percebida como ‘intimidante’ em um minuto e ‘desejável’ no minuto seguinte (...) ‘fascinantemente atraente’ a princípio, e depois ‘hostil e dura’” (KILOMBA, 2019, 78-79). São fenômenos que podem ser percebidos durante a ambivalência da atração e chacota sobre o *natural*, produto ou sujeitos, que compõe o Setor, um natural que está perdido na sociedade urbana ocidental moderna¹².

Para as instituições, o fenômeno do saber tradicional de cura e as suas produtoras mulheres, como bens culturais, possibilitam a visibilidade política e retorno econômico, associando-se aos planos de modernização que gentrificam, regulam e desarticulam realidades desconsiderando formas de organização e vivência que não os padrões hegemônicos da “única” sociedade urbanizada e desenvolvida. Determina as erveiras permissionárias, e demais sujeitos de outras áreas e conjunturas afetadas do Ver-o-Peso ou mesmo a orla belenense, em associação à um espaço e local de miséria – economicamente potencial em sua rica expressão cultural, mas desvitalizado e esmaecido, esquecendo sua vida ativa e vigente. Além, afirma que, com os projetos de revitalização, a aptidão do local estará apenas associado a possibilidade de lazer e turismo, marginalizando as práticas e existências outras dos sujeitos locais.

É importante distinguir a relevância das erveiras (e também, dos erveiros) perante o olhar de tais como patrimônio. As erveiras se percebem e são sujeitas urbanas individuais que partilham de ligações e ancestralidade dos conhecimentos teóricos e práticos para a coleta, feitura e uso de seus artigos. Ser erveira no Ver-o-Peso é estar na urbe e ser parte constituinte dela, apesar de suas figuras serem difundidas como místicas, profundas e detentoras de saberes naturais, os quais seriam não urbanos, hegemônicos ou comuns. Citadinas, são também comerciantes, capazes de absorvem e adaptar realidades, criando um panorama de diálogo que possibilita o trânsito e fortalecimento do mercado sem a descaracterização de seu

¹¹ Projeção que ocorre a partir com supressão da polaridade psicológica de “sexualidade e agressão” na sociedade branca (Kilomba, 2019).

¹² Como a pontuação de Kilomba: “primitivo’, como aquele que está mais perto da natureza, que possui o que as/os brancas/os perderam e o que, portanto, as/os excita.” (2019, 118)

ethos. Tal adaptabilidade também confere novas matizes para a relação com os produtos, porém sem a desqualificação e superficialização dos saberes. Estar coerente com novas demandas e situações é um valor para as erveiras, que reiteram seus lugares na realidade cidadina dinâmica e mutável, representantes de conhecimentos que não estão estagnados, mas fazem sentido e possuem potência em seu contexto social coevo.

O importante destacar seus lugares de transmissão de maneira desmistificada, com retornos e benefícios reais a sua atuação profissional. As feirantes sabem como lidar com seus diferentes públicos, sabem agradar e cativar, produzir e valorizar medicinas coevas às questões atuais; sabem encantar turistas e moradores, ensinar conhecimentos locais, enaltecer as singularidades do que se orgulham. O Setor das Ervas está vivo perante as relações vigentes de mercado. Não são figuras míticas, mas mediadoras (VELHO, 2013) de influências mercantis e sabem dessa sua qualidade.

De forma permeável, há percepções que geram *interações criativas* (GUIZARDI, 2012), onde as feirantes escolhem formatos de atuação mais similares e digeríveis dos ambientes mercantilizados, porém de forma agencial e elástica, uma vez que não estão presas às configurações mitificadas do “ser erveira”, não permitindo as reduções artificiais propostas. Apropriar-se é o modo de ajustar intenções que as beneficiem, garantindo a soberania de suas escolhas sobre as influências que podem as atravessar, somando, assim, novas condutas autorais às suas posições prévias, já mais significativas e marcantes no contexto do Ver-o-Peso do que as inferências exógenas.

O projeto de revitalização, os direcionamentos sobre benfeitorias à ação mercantil e a inserção de discursos midiáticos e objetificadores acerca do local, das erveiras e seus produtos visam uma atualização do Setor perante um tipo de comercialização mais padronizada às tendências urbanas contemporâneas em relação com bens culturais. Impor novas realidades de comércio que marginalizam a agência e competência torna-se uma violência a medida de desqualifica as sujeitas, suas ações e vivências. Contudo – e sim, sabendo o forte apelo comercial do Setor das Ervas, não só por sua atuação real e operante no contexto da cidade e população belenense, mas também em um contexto de mercado turístico visado pelo poder público – as erveiras facilmente se apropriam e retrabalham as influências externas, trazendo suas particularidades próprias e orgânicas de relação e sociabilidade, formatando outras estruturas mercantis nas quais suas personas midiáticas, a expressão sociocultural dos hábitos e práticas, a noção de autenticidade e o saber tradicional, como conteúdo, demonstram suas agências em viabilizar elementos imanentes a sua realidade.

Como atores sociais, criam-se dinâmicas de autopromoção como forma de sustentação às práticas mercantil. Estão em interação coeva e ativa com a cidade, utilizando de seus geracionais conhecimentos tradicionais de maneira a atuar com solidez sobre os vários processos urbanos, tais quais o comércio, o turismo, a mídia, o patrimônio, a sustentabilidade, o exotismo; adaptando-se de maneira a usufruir dos aspectos que as interessam. Deve-se considerar e colocar em pauta teorias e campos que compreendam os atores, erveiras e erveiros, como agentes em relação com natureza e também condutores dos diálogos entre o saber tradicional e as ações urbanas hegemônicas, considerando a maneira como os dois “modelos de ação” divergem e convergem em planos valorização dos saberes tradicionais de cura e das atividades dos feirantes do Setor, principalmente referente as erveiras e sua atuação profissional não objetificada, pensando as sutilezas que envolvem os processos culturais no panorama capitalista e representativo-nacionalista.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Alceu. *Medicina rústica*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional. 1959.
- CARDOSO, Ana Cláudia Duarte. *et al.* Quando o projeto disfarça o plano: concepções de planejamento e suas metamorfoses em Belém (PA). *Cadernos Metrópole*, [s.l.], v. 18, n. 37, p.823-844, 2016.
- COSTA, I.; CORDOVIL, Daniela. Presença de Mulheres Benzedadeiras nos Bairros de Belém a Partir de sua Circulação nas Feiras. In: Rodrigues, C. *et al.* (Org.). *Mercados Populares em Belém: Produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano*. Belém: NAEA. v. 2. 2017.
- FERREIRA, P.; RODRIGUES, C. Economia Criativa e o Espaço São José Liberto. In: Rodrigues *et al.*(Org.). *Mercados Populares em Belém: produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano*. Belém: NAEA. v.2. 2017.
- FONSECA, Maria. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A editora Ltda. 2003.
- GOLDMAN, Marcio. A construção ritual da pessoa: e a possessão no Candomblé. *Religião e Sociedade*, São Paulo, v. 9, p. 22-53. 1983.
- GUIZARDI, Menara. "Conflicto, equilibrio y cambio social en la obra de Max Gluckman." In: *Papeles del CEIC. International Journal on Collective Identity Research*, n .2, pp. 1-47. 2012
- HOBBSAWN, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2008.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Recife:Cobogó. 2019.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. 2008.
- LITTLE, Paul. E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia de territorialidade*. UNB. Série antropológica. 2002.

- LIMA, Maria Dorotéia de. Patrimônio cultural: os discursos oficiais e o que se diz no Ver-o-Peso. In: LEITÃO, Wilma. Org. *Ver-o-Peso: Estudos Antropológicos no Mercado de Belém*. Belém: NAEA. 2010.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins fontes. 1997
- MALUF, Sônia. Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição: um estudo sobre representações de poder feminino na ilha de Santa Catarina. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v.34, p. 99-112. 1992
- MAUÉS, Paola. *O Valor que o Ver-o-Peso tem*. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia e Patrimônio, Unirio, Rio de Janeiro. 2014
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 2003.
- NASCIMENTO, L.; RODRIGUES, C. Reciprocidade entre trabalhadores do mercado do Ver-o-Peso. In: RODRIGUES, C. I.; SILVA, L. de J. D.; MARTINS, R. F. (Org.). *Mercados Populares em Belém: Produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano*. Belém: Naea. 2014.
- SANTOS, Milton. *Território e Sociedade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2000.
- SILVA, Tiago. Ver-a-Cor: um estudo sobre as relações raciais no mercado de Belém. In: LEITÃO, Wilma Marques (Org.). *Ver-o-Peso: estudos antropológicos no mercado de Belém*. Belém: NAEA. 2010
- TALAVERA, Augustin. Turismo cultural, culturas turísticas. *Horizontes Antropológicos* v.9, n.20, p. 31-57. 2003
- TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair. Um “skyline” em mutação: o velho centro e as transformações urbanas em Belém. *Novos Cadernos Naea*. v.21, n.1, p. 57-78. 2018.
- VELHO, Gilberto. *Um Antropólogo na Cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar. 198 p. 2013.
- VELOSO, Mariza. 2006. O fetiche do patrimônio. *Habitus*. v.4, n1, p. 437-454. 2006.
- VIEIRA, Laura Carolina. *Saberes da Floresta, Produtos na Cidade? os atravessamentos socioculturais que permeiam as práticas tradicionais de cura amazônica em ambiente urbano - Belém/Pará*. 2020. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.